

## Apresentação

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.47271>

### Apresentação

*Apresentation*

*Presentación*

*Christine Douxami\**

<https://orcid.org/0000-0002-8465-3978>

*Jeremias Brasileiro\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-1876-6800>

Recebemos com satisfação e alegria a incumbência de organizarmos esse valioso dossiê que trata dos **“Patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina: invisibilidades, história, lutas por direitos e novas epistemologias”**. Tal propositura acompanha um novo olhar epistêmico para esses patrimônios imateriais comumente tidos ou lidos à margem de uma literatura, sobretudo histórica, que acaba por mimetizar o olhar do colonizador, invisibilizando a agência política e cultural das interações afro-indígenas. Dessa forma, concentramos nossos esforços em trazer para o dossiê outras formas de lidar com essa temática tão relevante e igualmente, sensível. E nessa guinada epistemológica, há também de se salientar o entusiasmo dos organizadores, provenientes de mundos diferentes, mas com leituras compartilhadas a respeito dos patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina.

---

\* Pesquisadora em antropologia da arte no Instituto dos Mundos Africanos (IMAF/ França) e professora em artes cênicas na Universidade de Franche-Comté. Atualmente está no IRD (Instituto de Recherche et développement) passando 4 anos no Brasil em intercâmbio com a UFF e a UFBA, estudando os patrimônios imateriais afro-indígena na América Latina. Doutora em Antropologia pela pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales (EHESS). Defendeu a tese em 2001 sobre teatro negro no Brasil. Desde 2006, ela tem coorganizado um seminário no EHESS, que enfoca o tema do engajamento artístico-político no continente africano e na sua diáspora. Desde 2022 coordena a rede de estudo dos patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina. Em 2022 lançou um longa-metragem sobre o guerreiro de Alagoas e em 2012 sobre o festival mundial de artes negras, co-dirigidos com Philippe Degaille.

\*\* Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador da cultura afrobrasileira, autor de 36 livros. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Sul de Minas (IHGSM) sediado em Poços de Caldas - MG, sendo ocupante da Cadeira 05 - cujo Patrono é REI AMBRÓSIO; é Embaixador/Comandante Geral da Festa da Congada da cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro, desde o ano de 2005, e-mail: [jeremiasbrasileiro59@hotmail.com](mailto:jeremiasbrasileiro59@hotmail.com)

O dossiê traz como eixo central a necessidade de pensar de forma pluridisciplinar a temática, tanto através da história, disciplina da revista, como pelo viés da antropologia, das artes cênicas, da arquitetura e da história das artes. Por meio desse olhar plural, esse dossiê procura fomentar novas reflexões sobre a diversidade dos patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina, temática ainda permeada de invisibilidades. Trazer à lume essas manifestações culturais, seus atores e suas demandas políticas nos parece essencial tanto para a produção de novos conhecimentos nas áreas acadêmicas mencionadas anteriormente, como para o ensino de história e da educação patrimonial. Pensar as interações afro-indígenas ou afroindígenas como eixo central na sua unicidade e não de forma desconectada nos parece incontornável e levanta, em si, uma preocupação epistêmica: sair de uma ideia de mestiçagem na linha da democracia racial, e pensar o encontro das culturas oriundas do tráfico forçado de pessoas vindas da África com os povos originários. Segundo alguns pesquisadores, como Niède Guidon, eles estão presentes há mais de 100.000 anos no continente, tendo deixado registros nas pinturas rupestres presentes no nordeste brasileiro, com destaque para as da Serra da Capivara. Niède Guidon formula também a hipótese de que esses povos originários teriam chegado pela navegação de pessoas vindas da África, que durante a glaciação teriam tido mais facilidade de atravessar o atlântico pelo nível do mar ser mais baixo e ter mais ilhas para facilitar o trajeto. Se correta a hipótese, isso significa, segundo esses estudos precursores, que o indígena na América do Sul, já viria de uma origem africana, por mais que tenha, é claro, desenvolvido múltiplas culturas próprias.

Mas se nos concentramos somente no período pós-colonização europeia do continente, as interações entre africanos e povos originários, na imensa diversidade de ambos, foram historicamente complexas, pois a ação do colonizador europeu era de “dividir para reinar”, levantando uns para combater os outros, e isso em toda a América. Neste dossiê focamos na América Latina, colonizada pelos países católicos europeus, Espanha, Portugal e França, que historicamente desenvolveram políticas que estimulavam as chamadas mestiçagens culturais no interior de suas instituições. No México, no estado de Guerrero, por exemplo, as lendas dos indígenas são povoadas de feitores negros assustadores, pois os colonizadores espanhóis colocavam feitores negros que cassavam os indígenas escravizados, mesmo que haja também experiências quilombolas conjuntas na região (Dias 2024). O caso do Quilombo dos Palmares no Brasil também é paradigmático desta questão, já que o colonizador procurou alianças com os indígenas para destruir o levantamento quilombola. Mas sabemos, de outro lado, que os dois povos, igualmente escravizados, procuraram saídas para a liberdade em conjunto. Longe do ideal do “quilombo multirracial”, é notório que os escravizados africanos recém-chegados que entravam

---

pelas matas encontravam seus contemporâneos indígenas e trocaram sabedorias não somente medicinais ou culinárias, mas também espirituais, corporais, artísticas ou de práticas festivas.

As formas culturais e artísticas resultantes dessa interação, aqui chamadas de patrimônios imateriais afro-indígenas, são frequentemente referidas simplesmente como “caboclas” no Nordeste ou no Norte do Brasil, e continuam pouco estudadas em sua complexidade, até os dias de hoje. A categoria/identidade cabocla é uma categoria endógena muito presente nessas regiões. O pesquisador José Sena retomou no 14º seminário de estudos do patrimônio afro-indígena na América latina da IRD o conceito de Kaboclo, que muito representaria as populações amazônicas estudadas por ele (Sena 2025). Mais recentemente, entretanto, a noção de afro-indígena começa a ser usada como categoria política por organizações militantes de luta contra o racismo.

Na história, alguns pesquisadores da história colonial e oitocentista, como Flávio Gomes e Maria Regina Celestino de Almeida abordaram o tema de forma pioneira (Almeida 2021; Schwarcz e Gomes, 2018). Em 2022, Christine Douxami, co-autora dessa apresentação, começou a organizar os seminários sobre Patrimônios Imateriais Afro-indígenas e Políticas Públicas na América latina, com uma série mensal de seminários de estudos, cujas sessões estão disponíveis no sítio-web da IRD-Brasil. Em 2023, Paulo Terra, Martha Abreu e Hebe Mattos organizaram o seminário *Public narratives of history: Indigenous & Afro-Brazilian slavery*, no Center for Dependency and Slavery Studies da Universidade de Bonn, em que não apenas as interações históricas, mas também a memória e os patrimônios imateriais, foram contemplados. O seminário deverá resultar em uma publicação. (Terra et alii 2023).

Na antropologia, o dossiê organizado na revista antropológica *Cadernos Campos* em 2014 por Marcio Goldman, de título “a relação afroindígena”, foi precursor na abordagem teórica das interações afro-indígenas. Para pensar o que seriam patrimônios imateriais afroindígenas, a definição de Goldman, retomando conceituação da antropóloga Cecília Mello em um estudo de 2003, nos contempla: “...não se trata de uma simples” justaposição de duas influências ou formas de expressão [...] distintas e irreduzíveis”, mas de “uma terceira forma, com características próprias”, ... a “relação que o grupo estabelece entre afros e indígenas é não apenas uma relação de proximidade entre dois mundos paralelos”, mas “uma fusão ou intersecção entre esses dois mundos” (Goldman 2014, 213). Ora, o patrimônio imaterial, sobretudo das manifestações cênicas e musicais, mas também na arquitetura ou na arte contemporânea, é um lugar onde essa fusão de imaginários, de saberes, de espiritualidades, de estéticas, mais se expressa. Por isso, nosso dossiê aborda a questão afro-indígena pelo viés do patrimônio imaterial.

Como Jeremias Brasileiro, coautor dessa apresentação tem desenvolvido em sua crítica ao conceito de sincretismo, trata-se de pensar coexistências culturais e religiosas ancestrais que

---

engendram novas expressões culturais em que as matrizes culturais de base continuam a ser acessadas (Brasileiro 2023).

Os textos reunidos nesse dossiê são plurais, abrangem diversas categorias de análises e diversos lugares na América-Latina, incluindo o Caribe (latino). Além dos textos sobre o Brasil, o dossiê inclui uma entrevista com o pesquisador Jesús Guanche, de Cuba, o texto de Kesler Bien-Aimé, do Haiti, os artigos de Cesar Miguel Salinas Ramos, da Argentina e de Monica Lacarrieu, do Uruguai, oportunizando, aos leitores, um encontro com novas epistemologias que percorrem os patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina.

No texto **Boi Bumbá de Parintins (AM)**, os autores Socorro Batalha e Alvatir Silva analisam o Boi Bumbá de Parintins como dança dramática de uma perspectiva antropológica, mas também histórica, demonstrando como a memória do passado indígena, na contemporaneidade, invisibiliza a herança africana presente nas próprias famílias fundadoras das agremiações. Desta perspectiva, analisam as performances dos dois grupos que se enfrentam como espetáculo para um público cada vez mais amplo e sob o crivo de jurados na cidade de Parintins, propiciando um novo olhar sobre a invisibilidade dessas famílias afro-indígenas, resultantes da convivência e coexistência de povos indígenas e de povos descendentes de africanos escravizados.

Na sequência, o texto **SentisPraxisPensares en Las Parrandas de Remedios en la región central de Cuba**, em espanhol, de Cesar Miguel Salinas Ramos, aborda de uma perspectiva sociológico-filosófica a manifestação nomeada no título. O texto traz também uma análise estética da manifestação, muito carnavalesca, com carros alegóricos e rituais festivos, para refletir sobre o que denomina a subjetividade social caribenha, iluminando, no processo, como a cultura cubana encontra-se impregnada pela história dos africanos que ali chegaram na condição de escravizados e fizeram à posteriori, dessa africanidade, um dos alicerces de sua resistência, sobretudo religiosa. As expressões das culturas religiosas analisadas no artigo são fortíssimas, lançando luz sobretudo sobre os “sacerdotes congos” cultuadores de um só deus chamado Nzambi. A publicação oportuniza esse olhar e amplia a internacionalização das discussões afro-indígenas na América Latina.

Em **Retratos festivos: respeitabilidade, processos de racialização e masculinidade negra no pós-Abolição em Minas Gerais**, da historiadora Livia Monteiro, somos convidados a refletir sobre a representação imagética de manifestações de reinados, congados e congadas em Minas Gerais, com ênfase na representação das masculinidades negras no período de pós-Abolição em Minas Gerais, pensadas como afroindígenas. Essa intercambialidade histórica que permeia a questão afro-indígena e afro-brasileira está bem conectada com a questão do pós-abolição e as relações imagéticas que muitos negros pensavam criar em contraposição aos estereótipos

---

difundidos que traziam seus corpos vinculados unicamente à marca da escravização. A discussão das fotografias ajuda a esclarecer o texto e problematizar de que forma esses corpos negros eram vistos e de que forma eles reivindicam ser lidos até os dias de hoje. O final do texto também aborda a questão das populações afro-indígenas em Minas Gerais.

Também o texto de Gabriela Acerbi Pereira **Os Caiapós de São Benedito de Poços de Caldas** está centrado em uma abordagem histórica da negritude afroindígena de Minas Gerais, mais especificamente da trajetória e das referências fotográficas dos Caiapós devotos de São Benedito na cidade de Poços de Caldas, localizada ao sul de Minas Gerais. O artigo destaca a importância e as expressões perpetuadas dessas formas devocionais/culturais no processo de formação do território sul-mineiro. Nessa direção, alguns aspectos históricos da formação dos grupos caiapós são apontados, assim como um destaque é feito para a trajetória do Grupo Caiapó da Vila Cruz e a vida de Seu Quirino, antigo chefe Caiapó da região, já falecido e sobre quem há pouquíssimas informações registradas. Articulando trajetórias singulares a um contexto mais ampliado da formação dos grupos, são apresentados dois importantes eventos que marcam os fazeres caiapós na região: a Retirada dos Caiapós da Mata e o Rapto da Bugrinha.

De uma perspectiva transdisciplinar, **O mito e a memória continuada nas cosmovisões afro-indígenas**, de Florence Dravet e Leandro Bessa, propõe rever a categoria mito, do paradigma científico europeu, à luz da experiência afro-indígena. Os mitos fazem parte da existência humana e os mitos formados a partir das interações afroindígenas estabelecem conexões que podem propiciar continuidades e resistência, pois estão conectados com as comunidades e possuem diversos tipos de conceitos, úteis para pensar e agir, a que a experiência e as cosmologias afro-indígenas remetem. A evidência anunciada pelos autores é de que as experiências afro-indígenas, bem como seus mitos, podem contribuir para um pensar epistemológico novo, assumindo que outras visões de mundo podem contribuir na superação das tensões que ainda se fazem presentes na contemporaneidade e sobretudo na arte contemporânea.

Na sequência transdisciplinar, na confluência entre artes e antropologia, o texto de Maria Acselrad: **Jurema é corpo, não é cabeça: encantamento, aprendizado e transformação entre caboclos e caboclinhos** é também central para a compreensão da junção entre a espiritualidade afro-indígena e manifestações cênicas afro-indígenas. Ela traz uma dimensão a respeito dos Caboclinhos na Jurema, religião de matriz afro-indígena, diferente dos “Caboclinhos” nos reinados e congados mineiros, mais conhecidos. Essa coexistência dos Caboclinhos nos terreiros de Jurema e reinados e outras manifestações é significativa para pensar a amplitude da dimensão afro-indígena no Brasil, com suas diversas territorialidades culturais. As reflexões da autora contribuem para o entendimento das conexões envolvendo danças rituais e religiosidades, um aspecto sempre

---

presente nos patrimônios imateriais cênicos afro-indígenas na América Latina, muitas vezes invisibilizado.

Monica Lacarrieu em **Las orfandades del patrimonio cultural inmaterial: las políticas, los procesos de patrimonialización y los reconocimientos y derechos de las comunidades afrodescendientes en América Latina** apresenta texto sobre as relações entre patrimonializações, direitos e reconhecimentos de comunidades afros e em menor escala, das comunidades indígenas na América latina, sobretudo na Argentina e no Uruguai. O texto traz contribuições importantes para problematizar a salvaguarda de um patrimônio que é, por definição, imaterial, de uma perspectiva histórica. Se as práticas circulam, se os saberes são “cambiantes” e podem ficar dispersos no próprio grupo ou escapar dele, não podem ser eternizadas ou canonizadas. Gravações e registros audiovisuais podem ser importantes para registros de um momento, de uma época, o que não significa que o patrimônio será sempre registrado como foi naquele instante. Não se pode tratar o patrimônio imaterial com a mesma régua com que se trata o patrimônio material, não se pode arquivá-lo, sob pena de continuar a observá-lo com as lentes de uma biblioteca colonial.

Kesler Bien-Aimé, com o texto **Mutations des danses afro-amérindiennes dans la Caraïbe: une analyse des faits traditionnels et folkloriques à partir l’ethnologie en Haïti (Mutação das danças afro-indígenas no Caribe das expressões tradicionais e folclóricas a partir da etnologia do Haiti)**, com uma abordagem do conceito de folclore específica do campo da antropologia no Haiti, traz uma análise dos vieses ideológicos nas análises etnológicas das danças afro-indígenas no país. Mostra o quanto o Haiti está imerso na região do Caribe, com diversas expressões culturais que se refletem nas nações vizinhas. Através da análise de três textos antropológicos fundadores da questão afro-indígena no Haiti, mostra a riqueza das manifestações e a importância dos conceitos de danças tradicionais e danças folclóricas no contexto pós-revolução para a construção do excepcionalismo cultural africano do Haiti pós-revolucionário em relação ao restante do Caribe latino, versão que ele procura reverter.

Os dois últimos textos, **Interiorização do Atlântico e da diáspora africana para as américas: O modo de fazer afro-indígena na arquitetura de tradição colonial na Chapada da Diamantina**, de Carlos Gustavo Nobrega e **Relações interétnicas e transições territoriais: Etno-história dos afroindígenas na Amazônia Maranhense**, de Fernanda Lopes Vianna e Arkley Marques Bandeira, saem do viés cênicos para se interessarem na questão da arquitetura e da etno-história.

O primeiro traz a especificidade das casas de taipa na região oeste da Bahia, na Chapada Diamantina. O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que tem como objetivo salientar a

---

relevância da herança patrimonial mantida pelo modo de fazer afro-indígena na arquitetura de tradição colonial de terra na Chapada da Diamantina, na Bahia. A hipótese levantada é que esse espólio cultural foi mantido, pois tais sujeitos históricos aplicaram conhecimentos especializados nessas edificações por meio da técnica construtiva denominada taipa de mão, especialidade trazida através do Atlântico por meio da diáspora africana para a América, que foi interiorizada e apurada em contato com o conhecimento arquitetônico dos povos originários no processo de ocupação da região. Para tanto, foi desenvolvida uma metodologia interdisciplinar que se concentrou na análise de bens arquitetônicos e de saberes imateriais preservados, tomados como documentos históricos.

O segundo analisa as relações entre o povo Ka'apor e as comunidades quilombolas na microrregião do Gurupi, na Amazônia Maranhense, entre os séculos XIX e XX. O objetivo é compreender como os contatos interculturais influenciaram seus modos de vida, destacando as mudanças culturais resultantes deste processo, ainda hoje evidente. Esses eventos interculturais em uma perspectiva sincrônica e diacrônica desempenharam um papel crucial na formação das particularidades culturais dos remanescentes Afroindígenas na Amazônia maranhense, afetando não apenas os Ka'apor e os quilombolas, como também, outros povos imersos por essas duradouras interações, para além das expressões culturais que se manifestaram em suas materialidades e imaterialidades.

Finalmente, duas entrevistas trazem dois olhares distintos para concluir nosso dossiê: uma perspectiva cubana com o antropólogo Jesús Guanche, entrevistado por Christine Douxami, mostra o quanto o trabalho precursor da Unesco, da Ruta dos escravos, trouxe muitos desdobramentos nas pesquisas sobre as populações afro na região do Caribe e da América Latina. A segunda entrevista com Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) e Mestre Edson Lima Coutinho da Banda de Congo Beatos de São Benedito da cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, entrevistados por Jeremias Brasileiro e Christine Douxami, traz à tona a importância da cultura indígena botocudo na manifestação da Banda de Congo, contrariando o próprio nome da manifestação. A entrevista aborda o aspecto afro-indígena da manifestação na sua complexidade e reelaboração, que intensifica o seu papel de inclusão social na comunidade de Vila Velha, com diversas atividades voltadas para o combate a todas as formas de exclusão, seja pelo racismo ou outras formas de preconceito, com especial atenção para alunos autistas.

O conjunto é diversificado e vibrante, resultando em um dossiê que contribui de forma inequívoca para a discussão das interações afro-indígenas nos patrimônios imateriais latino-americanos e o impacto das políticas públicas patrimoniais na região, trazendo uma diversidade de olhares a respeito do tema. Mesmo diante das invisibilidades, Brasil afora e nas Américas, o dossiê nos apresenta resultados de inúmeras pesquisas voltadas para fortalecer e visibilizar a presença dos

---



patrimônios afro-indígenas, e das histórias e lutas de seus detentores, tanto por direitos quanto para a construção de novas epistemologias.

### Referências Bibliográficas e sites citados:

Almeida, Maria Regina Celestino de. Da Invisibilidade étnica à etnogênese: histórias e identidades de índios e negros em abordagem articulada e comparativa. *História*, v. 40, (2021): 1-19

Brasileiro, Jeremias. *Sincretismo NÃO! Coexistência cultural religiosa e ancestral, SIM!*. Uberlândia: Editora Subsolo (Versão Ebook), 2023

Godmann, Marcio, A relação afroindígena. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 23, (2014) 213.

Dias, Cristina. 2024. Conferência no 15º seminário de estudos dos patrimônios imateriais afro-indígena, <https://pt.ird.fr/patrimonio-imaterial-afro-indigena-e-politicas-publicas-na-america-latina>.

Terra, Paulo C. 2023. Public narratives of the history of indigenous and afro-brazilian slavery hybrid conference, may 22-24, [https://www.dependency.uni-bonn.de/images/pdf-files/programme\\_public-narratives-afro-brazilian-slavery.pdf](https://www.dependency.uni-bonn.de/images/pdf-files/programme_public-narratives-afro-brazilian-slavery.pdf)

Shwarcz, L. M.; **Gomes, F. S.** “Índigenas e Africanos” In: *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Lilia Moritz Schwarcz e Flavio Gomes. (Org.). 260-267. São Paulo: Companhia das Letras, 2018,

Sena, José Sena. 2024. Conferência no 14º seminário de estudos dos patrimônios imateriais afro-indígena. <https://pt.ird.fr/patrimonio-imaterial-afro-indigena-e-politicas-publicas-na-america-latina>